

Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade

Jörn Schütrumpf (org.)
Trad. Isabel Loureiro, São Paulo, Editora Expressão
Popular/Fundação Rosa Luxemburg, 2006.

CAIO NAVARRO DE TOLEDO*

Este pequeno livro contém um ensaio sobre a obra e a militância de Rosa Luxemburg; na segunda parte são publicados textos de (e sobre) a marxista polonesa. Embora busque não ceder à exaltação de RL, o ensaio de Jörn Schütrumpf revela uma entusiasmada simpatia por esta “pequena grande mulher”. Assim, nestes tempos de ceticismo, o livro – ao destacar o “otimismo da vontade” expresso pela vida da socialista – não deixa de estimular o leitor a conhecer ou retomar o debate das idéias e da trajetória política radical de Rosa Luxemburg.

Tendo um caráter deliberadamente didático e pedagógico, notas ao pé da página esclarecem o leitor sobre fatos importantes da história do socialismo e da esquerda, de seus autores principais e dos movimentos sociais e

instituições políticas relevantes nas duas primeiras décadas do século XX. Notas biográficas de autores e militantes socialistas (ou não) são, ao final do livro apresentadas ao leitor, embora, a rigor, poucas obras de RL sejam comentadas no ensaio introdutório.

Não se tratando de uma biografia, o texto de Schütrumpf privilegia alguns momentos decisivos da militância e das polêmicas enfrentadas pela “língua mordaz” e “pena afiada” de Rosa Luxemburg. A célebre polêmica com Bernstein – o “debate sobre o revisionismo” – que marcou seu batismo de fogo e reconhecimento intelectual no interior da social-democracia européia; sua aproximação e distanciamento em relação ao mais importante teórico do SPD, Karl Kautsky, a quem se creditava a maior autoridade na in-

*Professor colaborador, da Unicamp.

interpretação da obra de Marx e na difusão do “verdadeiro marxismo. Contra a liderança intelectual e política de Kautsky – que se utilizava da teoria marxista para justificar a política de adaptação e acomodação do SPD ao regime militarista e imperialista de Guilherme II –, Rosa se insurgiu. O fato crucial que determinou seu afastamento do “marxismo oficial” praticado pelo SPD foi a aprovação dos créditos de guerra (agosto de 1914) pela bancada do partido no *Reichstag*. (Por ocasião desta fatídica decisão, relata o autor, Rosa “caiu em desespero”, ameaçando suicidar-se quando observou que uma parte do proletariado partia para os campos de batalha “ávida de saques e honra”). Neste contexto político, para a polonesa, o marxismo “começou a se transformar num insulto”. A este respeito, lembra o ensaio que, neste momento, Rosa se recusava, como também Marx o fizera, a se representar como “marxista”. Afirmava que, acima de tudo, era *socialista*. Mais tarde, porém, às vésperas de seu assassinato, Rosa não deixaria de enfatizar – justamente no discurso de fundação do Partido Comunista Alemão (31 de dezembro de 1918) – que era preciso “voltar a Marx” e combater o “marxismo oficial” (petrificado e ossificado) então dominante na social-democracia européia. Sabe-se que interpretações de natureza social-democrata ou liberal – entre estas, a de Hannah Arendt – buscaram dissociar RL de seu compromisso com o marxismo e a revolução socialista.

O preço das destemidas posições de RL implicou sua atuação em grupos minoritários e dissidentes (*Grupo Spartakus*, em 1914, e, posteriormente, no USPD). Apesar de ser afetuosa e generosa nas relações pessoais, não transigia quanto às suas convicções políticas, não temendo expressá-las quaisquer que fossem as circunstâncias. Para o autor, suas idéias e ação política tiveram plena acolhida apenas no pequeno e pouco influente partido da Social-Democracia do Reino da Polônia e da Lituânia (SDKPiL). Além do SDKPiL, será com os bolcheviques que Rosa Luxemburg manifestará sua maior identificação mas também importantes divergências políticas. No livro são dedicadas algumas páginas à análise dessas confluências e discordâncias, particularmente nas seções em que se confrontam as perspectivas de Rosa e de Lênin. Sendo irrazoável, no espaço desta resenha, qualquer tentativa de desenvolver, com rigor e consistência, todos os desdobramentos dessa histórica polêmica, apenas mencionamos aqui os temas e assuntos discutidos no livro: o papel e o lugar da classe trabalhadora na construção do socialismo, a produção da consciência socialista e revolucionária no seio do proletariado, a relação do partido com a classe, as formas da organização do partido revolucionário (questão da liberdade de expressão e da democracia interna), o internacionalismo proletário e, por fim, a noção de revolução socialista.

Na apresentação do debate, evidencia-se uma clara simpatia do autor pela perspectiva política de Rosa Luxemburg. Neste sentido, o subtítulo do livro, “o preço da liberdade”, aqui ganha sentido e se esclarece. Para o organizador, a razão está com Rosa quando questiona teses classicamente atribuídas a Lênin; assim, a consciência socialista “não vem de fora”, mas advém da própria experiência (dos êxitos e das derrotas) da classe trabalhadora; a emancipação não vem depois da conquista do poder, mas no próprio movimento da classe; o partido não deve ser uma maquinaria; a democracia interna é o elemento decisivo para a vitalidade e força do partido revolucionário etc. Sobre o crucial tema do papel do partido, o autor busca mostrar, inclusive, algumas afinidades de Rosa com o socialismo libertário. Afirma que, embora tenha ela se demarcado “verbalmente de modo incisivo em relação ao anarquismo”, deste se aproximava quanto mais fortemente – ao combater a concepção bolchevique – fazia a “defesa de mais ação e menos cuidados com a organização” além da defesa da greve política de massas.

Ao ressaltar a contribuição política de Rosa, buscando mostrar suas diferenças em relação a Lênin, o ensaísta emite juízos que deveriam ser melhor qualificados; assim, as teses de que o “partido de novo tipo” de Lênin era “blanquista” e que a concepção revolucionária do russo “era mecânica” deveriam ser mais elaboradas e desenvolvi-

das pois não são consensuais na literatura socialista existente. Nesta direção, também deve ser assinalado que algumas afirmações do autor devem ser rigorosamente problematizadas: em dois momentos, por exemplo, a obra de Marx aparece como sendo devedora de uma concepção estritamente *economista*; Beria, Molotov, Mao e Pol Pot são qualificados como “genocidas” enquanto o “totalitarismo” de Stalin em nada se distingue do nazismo de Hitler etc. Uma obra que busca introduzir os militantes dos movimentos populares a realidades da história do socialismo, deve ser, irrepreensivelmente crítica e nunca apologética, mas também não deveria adotar o reducionismo ou a simplificação na apresentação e caracterização de personagens e acontecimentos históricos. Assim, a veemente condenação do estalinismo, que aparece em vários momentos desta pequena obra, pouco difere da apologética anticomunista difundida na mídia liberal e na literatura conservadora. A meu ver, uma crítica socialista de Stalin não pode deixar de reconhecer, por exemplo, o papel decisivo que o exército vermelho teve na derrota do 3º. Reich. Para Schütrumpf, a presença de Stalin na história da antiga URSS significa, apenas e tão somente, a existência do *totalitarismo*. Comprometido com uma perspectiva ético-humanista (fundada em valores como “honestidade”, “sinceridade”, “lealdade” e “emancipação humana”) e de caráter republicano (defesa do “espaço público”), Schütrumpf dispensa-se de

examinar polêmicas e dilemas da história do movimento socialista revolucionário.

Neste sentido, reparos também devem ser feitos a algumas observações críticas dele sobre a própria obra de Rosa. Não é convincente a afirmação de que RL não teria elaborado de forma consistente a noção de revolução ou do quase silêncio de Schütrumpf sobre o socialismo revolucionário da polonesa. Igualmente é insuficiente a tese de que a concepção de revolução de RL não se libertara do “marxismo tradicional” e teria “errado” ao “não resolver a contradição entre emancipação e revolução, entre emancipação e violência”; da mesma forma, não se esclarece devidamente a noção de “*realpolitik* revolucionária” (que dispensaria a possibilidade e a necessidade da revolução). Aqui também pode ser observado que o autor praticamente não utiliza estudos decisivos sobre Rosa nem os menciona numa bibliografia básica que, ao final da obra, poderia orientar o leitor.

Na segunda parte do livro, depoimentos sobre Rosa e textos dela (carta e escritos políticos) buscam exaltar a personalidade, as idéias e os combates políticos da polonesa.

Nos depoimentos e na carta são ressaltadas a paixão pela vida, a penetrante e afiada inteligência, a retidão de caráter, a generosa entrega na luta militante, a solidariedade aos explorados e a sensibilidade exacerbada – expressas pela indignação e pelo ódio – diante da estrutural e permanente barbárie repre-

sentada pela ordem capitalista e burguesa. Para o autor, tais virtudes, em certa medida, estariam também representadas nas figuras de Che Guevara e Antonio Gramsci que, ao lado de Rosa Luxemburg, seriam as figuras que ainda embalariam os protestos e os sonhos da esquerda no mundo atual; por coincidência, os três sofreram as violências que os zelosos defensores da ordem capitalista impõem aos revolucionários socialistas.

Por último, o livro se encerra com o polêmico texto sobre a Revolução russa, escrito na prisão em 1918. Nele, RL expressa sua admiração e respeito pela atuação de Lênin e Trotski – notáveis estrategistas e teóricos da Revolução de Outubro –, não deixando, contudo, de fazer críticas a medidas adotadas pelo governo bolchevique: a dissolução da Constituinte, a falta da liberdade de imprensa, a questão nacional e a questão camponesa. A lucidez de Rosa – cuja acuidade política, no dizer de Lênin, era o de uma verdadeira *águia* – também se revelaria na lúcida crítica ao *burocratismo* que, nos anos seguintes, deformaria a revolução bolchevique. Para RL, a liberdade política é o instrumento insubstituível para o aprendizado do proletariado e das massas populares; seu exercício é uma exigência decisiva para a radicalização da revolução proletária e para a sólida construção de uma sociedade socialista e democrática.

TOLEDO, Caio Navarro de. Resenha de: SCHÜTRUMPF, Jörn. Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade. São Paulo: Editora Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburg, 2006. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.24, 2007, p.184-187.

Palavras-chave: Rosa Luxemburgo; Socialismo; História; Esquerda.